

MICROSCÓPIO

Triste, mas justo ocaso o do marechal Badoglio. A tomada de Roma, que simboliza o ressurgimento da Itália, marcou-lhe o fim da carreira política. E o que mais lhe doeu, como disse, não foi deixar o governo, mas ver-se considerado fascista.

Realmente, não se pôde éle tal considerar no sentido rigoroso do termo. Parece nunca ter tragado nem Mussolini, nem as suas idéias. Mas aceitou o seu regime, colaborou com o seu governo, emprestou-lhe o prestígio do seu nome e do seu posto. E concorreu para que, durante um quarto de século, a Itália se degradasse. E' culpado, embora não se possa comparar a sua culpa com a da farândula fascista. E' daqueles a quem a Justiça Divina, no poema do Alighieri, reservou o vestibulo do Inferno, porque "non furon ribelli, né fur fedeli a Dio, ma per sé loro". A ignávia é sempre um pecado e quase sempre, um crime.

Dir-se-á, porém, que Badoglio resgatou as suas culpas. E' verdade. Rompendo a desnatural aliança da Itália com o nazismo, varrendo o fascismo de boa parte de seu território, prestou éle um grande serviço à pátria, aos aliados e à civilização. Penitenciou-se; está perdoado. Está perdoado, mas não o autoriza o perdão a perpetrar novos erros. Tem direito ao respeito, mas não à confiança dos seus concidadãos. Cabe esta, sómente, aos que não transigiram e lutaram.

Isto manda a moral política, que, entre nós pelo menos, pouca gente entende e da qual estão dando os italianos um soberbo exemplo. E, como pouca gente sabe destas cousas, não será demais esclarecer que mui diversa do procedimento do general De Gaulle, que encarcera e executa sem piedade os seus adversários, é a intransigência dos patriotas italianos quanto à constituição do seu governo.

RAUL PILLA

12-6-44